

UX PARA MINAS PRETAS: SABERES TECNOLÓGICOS NA FORMAÇÃO DE MULHERES NEGRAS

UX PARA MINAS PRETAS: TECHNOLOGICAL KNOWLEDGE IN THE EDUCATION OF BLACK WOMEN

UX PARA MINAS PRETAS: SABERES TECNOLÓGICOS EN LA FORMACIÓN DE MUJERES NEGRAS

Fernanda Castilho¹
Thamires de Lunas Santos²

Artigo recebido em maio de 2025
Artigo aceito em setembro de 2025

DOI: 10.26853/Refas_ISSN-2359-182X_v12n01_07

RESUMO

As mulheres negras representam 27,0% da população brasileira, o maior grupo do país, mas ainda são minoria nas empresas de tecnologia do Brasil e ocupam apenas 11,0% dos cargos no setor. Este trabalho objetiva descrever as ações realizadas pela Edtech UX para Minas Pretas (UXMP - *startup* educacional de User Experience), no sentido de colaborar para a formação de mulheres negras para o mercado de tecnologia. O trabalho contemplou uma breve reflexão acerca dos avanços nas lutas feministas no Brasil, sobretudo pensando as pautas interseccionais. A análise se concentrou no mapeamento de ações formativas e de estabelecimento de redes proporcionadas pelos projetos da empresa, apontando como resultados a importância dessas ações para o possível aumento das oportunidades para essas mulheres.

Palavras-Chave: Mulheres negras; Tecnologia; Edtech; Formação; Mercado de trabalho.

ABSTRACT

Black women represent 27.0% of the Brazilian population, the largest group in the country, but they are still a minority in Brazilian technology companies and occupy only 11.0% of positions in the sector. This work aims to describe the actions carried out by Edtech UX para Minas Pretas (UXMP - an educational User Experience startup) to contribute to the training of black women for the technology market. The work included a brief reflection on the advances in feminist struggles in Brazil, especially considering intersectional issues. The analysis focused on mapping training actions and the establishment of networks provided by the company's projects, pointing out as results the importance of these actions for the possible increase in opportunities for these women.

Keywords: Black women; Technology; Edtech; Training; Labor market.

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Produção de Conteúdo Multiplataforma (PPGPCM/UFSCar) e da Faculdade de Tecnologia de Barueri. Doutora e mestre pela Universidade de Coimbra (Portugal). E-mail: fernanda.castilho@ufscar.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6930826232431610>. OrcId: 0000-0003-2301-0554.

² Graduada pelo Curso de Design de Mídias Digitais da Faculdade de Tecnologia de Barueri. E-mail: thamireslunas@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7210380369797051>. OrcId: 0000-0003-2301-0554.

RESUMEN

Las mujeres negras representan el 27,0% de la población brasileña, el grupo más numeroso del país, pero aún son minoría en las empresas tecnológicas brasileñas y ocupan solo el 11,0% de los puestos en el sector. Este trabajo describe las acciones llevadas a cabo por Edtech UX para Minas Pretas (UXMP, una startup de experiencia de usuario educativa) para contribuir a la formación de mujeres negras en el mercado tecnológico. El trabajo incluye una breve reflexión sobre los avances en las luchas feministas en Brasil, especialmente en lo que respecta a las cuestiones interseccionales. El análisis se centró en el mapeo de las acciones de formación y el establecimiento de redes facilitadas por los proyectos de la empresa, destacando como resultados la importancia de estas acciones para el posible aumento de oportunidades para estas mujeres.

Palabras clave: Mujeres negras; Tecnología; Edtech; Formación; Mercado laboral.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Associação Brasileira de Startups (Abstartups), o mercado de Startups continua em crescimento no Brasil, o que justifica a importância de olharmos para este objeto de estudo com atenção. A Abstartups (2021) define este tipo de organização como uma empresa que emerge de um modelo de negócios ágil e eficiente, projetado para oferecer valor aos clientes ao resolver problemas tangíveis do mundo real. Sua abordagem inclui uma solução escalável para o mercado, fundamentada na utilização estratégica da tecnologia como uma ferramenta central.

No mapeamento do ecossistema brasileiro de Startups realizado em 2021, a associação identificou que entre os top 10 seguimentos mais relevantes no mercado, educação aparece em primeiro lugar, ficando à frente de saúde e bem-estar, finanças e agronegócios, por exemplo. Tal dado nos chama a atenção quando observamos os modelos de startups que vem surgindo, com soluções inovadoras para o setor educacional.

É nesse cenário que as Edtechs (Startups que aplicam soluções de tecnologia na área da educação) estão se destacando com suas propostas e, para esta pesquisa, selecionamos, por conveniência de estudo, o caso da UX (sigla do inglês *User Experience*, que indica o design voltado para a Experiência do Usuário) para Minas Pretas (UXMP). Esta empresa se autodenomina como uma Edtech que conecta e profissionaliza mulheres negras para o mercado de tecnologia e UX.

Assim, o objetivo deste artigo é realizar uma pesquisa qualitativa a partir do estudo de caso descritivo da Edtech UX para Minas Pretas. Pretendemos considerar a importância desta iniciativa no contexto brasileiro de carência de oportunidades para mulheres negras. A UX para Minas Pretas possui aspecto de rede de relacionamentos voltada para este nicho específico (mulheres negras que trabalham ou pretendem trabalhar com tecnologia), mas suas soluções vão além de conectar pessoas. A iniciativa trabalha na capacitação para o mercado de trabalho de forma a dar oportunidades para estes grupos menos favorecidos em todo o Brasil.

De maneira mais geral, o nosso problema de pesquisa pode ser resumido da seguinte forma: qual a proposta da UX para Minas Pretas no sentido formativo e como suas formações podem contribuir para o crescimento profissional das mulheres negras?

Assim, o trabalho inicia com uma reflexão a respeito das lutas feministas, em especial o trabalho na área de tecnologia e a inserção das mulheres negras/pretas neste universo corporativo. Logo a seguir, passamos à descrição da UX para Minas Pretas e, posteriormente, às análises do perfil das formadoras e das ações realizadas pela Edtech.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Inicia-se o referencial teórico com uma breve reflexão acerca dos avanços nas lutas feministas no Brasil e, a seguir, com dados acerca da inexpressiva participação de mulheres nas áreas de tecnologia, sobretudo a população preta.

2.1 Lutas Feministas na Contemporaneidade

As lutas das mulheres por melhores condições de vida e igualdade social têm se intensificado cada vez mais ao longo dos últimos séculos. A possibilidade de votar e ser votada, o acesso à educação e a tentativa de proibição de diferenças salariais são algumas pautas importantes que já foram levantadas e trouxeram mais espaço e importância para as mulheres na sociedade mundial.

Embora tenhamos testemunhado um aumento significativo nos movimentos e lutas sociais, e uma maior conscientização sobre questões como igualdade de gênero e combate ao machismo, ainda é lamentavelmente comum encontrar relatos de assédio, violência sexual e doméstica, muitas vezes resultante em feminicídio, desigualdades persistentes no mercado de trabalho, sobretudo em termos salariais e de oportunidades, entre outros desafios.

Apesar da persistência de numerosos obstáculos e problemas estruturais, tanto antigos quanto emergentes, que dificultam a busca pela igualdade social, é encorajador notar que os questionamentos e mobilizações liderados pelas mulheres estão gradualmente ganhando força e reconhecimento pela importância que merecem. Este movimento crescente é fundamental para impulsionar as mudanças necessárias em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

Nos últimos anos, a nova geração política vem tomando força e com o auxílio das mídias e redes sociais, os manifestos das minorias – seja do público feminino ou não – tem ganhado os holofotes, levando cada vez mais pessoas que se identificam com os movimentos e ideologias a apoiar as causas e, consequentemente, dando visibilidade às estas causas. Hollanda (2018) destaca que vivemos um momento de potencialização política, onde novas formas de expressão e figuras surgem, utilizando as redes sociais para se conectar com as experiências vividas no offline. Analisando os diferentes recursos de comunicação visual produzidos – cartazes, memes, hashtags, vídeos e fotografias – encontramos uma transversalidade, somada a discursos e movimentos que se complementam nesse espaço.

Com esses movimentos coletivos cada vez mais fortes e impulsionados pelas tecnologias, as mulheres conseguiram expandir seus movimentos a um público maior e criar comunidades de apoio participativas e conectadas, permitindo que a luta aconteça todos os dias, não apenas em protestos pontuais. Segundo Crosta (2022), a procura por um local onde essas mulheres pudessem se comunicar, não aconteceu através das mídias tradicionais (imprensa, revistas e jornais), mas se estendeu e se desenvolveu conforme as transformações tecnológicas e sociais.

Um exemplo de iniciativa feminista que foi impulsionada pelas mídias digitais, trazendo assim mais mulheres às ruas, foi a #CONTRAOPL5069 em 2015, que fez diversas mulheres trocarem suas fotos de perfis no Facebook e ganhou as ruas do Brasil com manifestações contrárias ao Projeto de Lei 5069, que visava proibir a venda da pílula do dia seguinte, previa penas específicas a profissionais que orientassem gestantes sobre a prática do aborto e ainda exigia das vítimas de estupro um boletim de ocorrência para que pudessem ter acesso a um atendimento integral no SUS. Como Holanda (2018) relata, houve diversas mobilizações organizadas semanalmente por todo o território nacional que resultaram no protesto “Fora, Cunha!”, realizado no dia 13 de novembro. As ruas foram preenchidas por vozes femininas, que soavam palavras relacionadas a pautas como o direito sobre os seus próprios corpos, seus direitos reprodutivos, críticas que reforçam o fato de o estado ser laico e igualdade de gênero.

Cinco dias após esse protesto marcante para a história do feminismo, as mulheres negras marcharam do Ginásio Nilson Nelson (ao lado do estádio Mané Garrincha) em direção à Praça dos Três Poderes, em um protesto contra o racismo e a desigualdade social e de gênero no país. Esta ficou conhecida como a Primeira Marcha das Mulheres Negras, que reuniu mais de 50 mil ativistas de todas as partes do Brasil. A representante do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade (Ceert) citada por Holanda (2018), Juliana Gonçalves, declara que a marcha foi realizada por mulheres de diferentes sexualidades e gêneros, religiões, profissões, origens, histórias, culturas, que eram a favor de diferentes movimentos sociais e políticos, entre outros tipos de diversidades.

O grupo foi recebido pela ex-presidente Dilma Rousseff no final da marcha, que segundo Nilma Lino Gomes, à frente do antigo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, virou motivo de orgulho para o povo brasileiro. Este movimento feminino negro criou uma oportunidade de diálogo real entre as mulheres pretas, permitindo uma construção a partir do que as une, não do que as separa (Holanda, 2018).

Essas e diversas outras lutas que aconteceram posteriormente são exemplos que impulsionam e incentivam mulheres pretas a mostrarem sua força e determinação, lutando pelos seus espaços de direito e incentivando outras mulheres a tomarem iniciativas em todos os nichos que contém predominância masculina, principalmente quando se trata de oportunidades no mercado de trabalho.

A seguir, apontamos o método de pesquisa adotado para análise do objeto, que será apresentado no item 4.

3 MÉTODO

O trabalho adota uma abordagem qualitativa e exploratória, cujo método selecionado é o estudo de caso único, definido por Yin (2015) como uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real. O objetivo é compreender de que maneira o projeto UX para Minas Pretas atua para reduzir as desigualdades de raça e gênero no mercado de tecnologia, quais estratégias são empregadas para potencializar o sucesso educacional e profissional de mulheres negras, analisando também o perfil das formadoras.

Assim, o estudo de caso do projeto UX Minas Pretas foi orientado pelos seguintes procedimentos:

Leitura flutuante e identificação dos principais eixos temáticos: realizou-se uma leitura atenta e reiterada do material para captar a estrutura narrativa da experiência relatada pela UXMP. Foram destacados os principais temas recorrentes: (i) democratização do acesso à informação e oportunidades, (ii) formação e capacitação técnica, (iii) inserção no mercado de trabalho, e (iv) construção de redes de apoio e pertencimento.

Análise descritiva: foi realizada uma análise descritiva das ações da UXMP, buscando evidenciar o impacto da Edtech na promoção da diversidade e inclusão, com base em dados quantitativos (número de mulheres cadastradas, bolsas concedidas, alcance em redes sociais) e qualitativos (testemunhos, descrição de práticas de apoio e capacitação).

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO

Iniciam-se as análises e discussão pelas mulheres pretas e espaços de inovação.

4.1 Mulheres pretas e espaços de inovação: UX para minas pretas

A UX para Minas Pretas (UXMP) foi uma Edtech focada em incentivar, ensinar e ajudar mulheres negras a encontrar oportunidades de estudar o tema Experiência do Usuário (com cursos profissionalizantes, workshops, mentorias, etc.) e a entrarem para o mercado de tecnologia, para que cada vez mais mulheres pretas pudessem lutar por seus espaços de direito nesta área.

A iniciativa foi criada em 2019, em São Paulo, por Karen Santos (principal idealizadora do projeto) e outras mulheres negras que trabalhavam na área de Tecnologia e Design, após notarem a diferença e a predominância de homens brancos em seus locais de trabalho. Karen relatou que, quando refletiu sobre a ligação entre a ausência de mulheres negras nesse mercado e o racismo estrutural, teve a ideia da Edtech, visando auxiliar essas mulheres a se colocarem nesta área. Ao iniciar seu projeto, deparou-se com uma realidade mais desigual do que esperava: a proposta inicial, que era realizar um pequeno workshop para no máximo 24 participantes, ganhou proporções inesperadas após a divulgação de sua pesquisa, que foi compartilhada nos segmentos do UX Design e do movimento negro. Em poucos dias, 310 mulheres demonstraram interesse no projeto, o que comprovou a carência de iniciativas nesse campo e a necessidade de incentivos à inserção de mulheres negras nos mercados de tecnologia, espaços onde quase não existiam (Paixão, 2021).

Assim, a UXMP teve como objetivo diminuir os números da desigualdade de raça e gênero no contexto do mercado da tecnologia, levando o conhecimento até onde as mulheres negras estivessem, incentivando-as a estudar o tema e divulgando as oportunidades de emprego existentes, para que pudessem se inserir nesse mercado (Paixão, 2021). O projeto trabalhou para potencializar o sucesso educacional e profissional das mulheres negras que o compunham. Dessa forma, atuaram para construir um futuro possível, diverso e inclusivo e, no caminho, impactaram a sociedade e o mercado de tecnologia e digital (Pretas, 2023).

Para se cadastrar na UX para Minas Pretas, a mulher deveria ser preta, parda ou indígena, com interesse em informações sobre a área ou em compartilhar pensamentos e ideias sobre o assunto na comunidade. A inscrição era realizada através de um formulário, no qual as mulheres eram direcionadas para grupos privados nas redes sociais (como o Slack e o Facebook). Nesses grupos, as cadastradas encontravam informações sobre a iniciativa,

diálogos sobre as questões e oportunidades, podiam tirar dúvidas técnicas e trocar conhecimento com outras integrantes (Paixão, 2021).

A Edtech possuía três focos de atuação: o primeiro foco estava nas oportunidades de capacitação, mentorias, workshops e bolsas de estudo, que eram fornecidas tanto pelas fundadoras do projeto quanto pelas integrantes cadastradas na iniciativa. O segundo foco de atuação era a divulgação de vagas de emprego disponibilizadas pelas empresas de tecnologia, compartilhadas dentro da comunidade, permitindo a possível contratação dessas mulheres. O terceiro e último foco eram os eventos realizados pela startup, criados tanto para as participantes do projeto quanto para pessoas de fora do grupo privado que tivessem interesse no assunto.

A iniciativa UXMP impactou diversas pessoas, tendo em sua comunidade mais de duas mil mulheres negras, suas redes sociais com mais de 100 mil pessoas engajadas, além de ter auxiliado mais de 900 mulheres a conseguirem bolsas de estudos (UXMP, 2023). É importante referir que nesta pesquisa partimos de uma visão bastante otimista para o objeto de estudo, pensando nas tecnologias como soluções para determinadas questões, assim como apontaram alguns autores (Andrade, 2019; Alves; Sartori, 2021). No entanto, não podemos esquecer das possíveis críticas a essas empresas de tecnologia que contribuíram, de certa forma, para a industrialização da educação (Neto et al., 2018), mas este não foi o foco da análise, pois a Edtech selecionada, apesar de trabalhar na área da formação, esteve mais ligada à educação corporativa (Éboli, 2004) do que à educação formal, foco da maior parte das críticas. Assim, seguimos a discussão dos dados da pesquisa.

4.2 Discussão

A discussão contempla dados a respeito das mulheres pretas na tecnologia, os projetos, formações e eventos realizados pelo projeto UX para Minas Pretas e seu encerramento em 2025.

4.2.1 Mulheres pretas na tecnologia

O mercado de tecnologia é um dos que mais exigem profissionais qualificados. Segundo a Brasscom (Associação Brasileira das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação), para cumprir a carência de profissionais nessa área, serão necessários aproximadamente 70 mil profissionais por ano até 2024, mas o déficit anual chega a 24 mil especialistas. Estes dados mostram que o mercado em questão necessita de novos talentos.

Por ser uma área com alta demanda e pouca procura, os profissionais que buscam mais qualificação na área, acabam tendo mais oportunidades de emprego e remunerações mais atraentes (Bit;Byte, 2020). Além de impulsionar os maiores e mais lucrativos investimentos do âmbito dos negócios, a tecnologia se tornou uma importante ferramenta no cotidiano da população e um segmento capaz de gerar novas oportunidades para grupos de minorias. Entretanto, a diversidade continua sendo um problema na área, visto que a presença de mulheres nos cursos de tecnologia continua baixa.

Segundo o Censo da Educação Superior de 2019, elas ocupam menos de 15% das universidades em todas as áreas pesquisadas e os homens sempre representam mais de 85% entre o total de estudantes, dos cursos de jogos digitais até cursos de engenharias. Outros dados levantados na pesquisa #QuemCodaBR, que entrevistou profissionais do setor, mostram

que as mulheres compõem menos de 20% das equipes em geral. Uma entre cada três pessoas entrevistadas disse que não trabalha com nenhuma pessoa preta no time (Lacerda, 2022).

Há diversos documentos publicados por institutos de pesquisa brasileiros relatando a desigualdade enfrentada pela mulher preta, demonstrando que há uma enorme diferença no acesso a áreas do mercado que exigem qualificação, como o mercado de tecnologia. As mulheres negras representam 27% da população brasileira, o maior grupo do país, comparando com mulheres brancas e homens negros e brancos. Mesmo assim, ainda são minoria nas empresas de tecnologia do Brasil e ocupam apenas 11% dos cargos no setor. Os dados estão compilados em pesquisa divulgada pela iniciativa PretaLab, que aponta questões estruturais na base do problema (Lacerda, 2022).

É um quadro de injustiça social, mas não apenas: ao distanciar as mulheres negras do protagonismo na produção de inovação, o Brasil desperdiça oportunidades de avançar econômica e tecnologicamente. Com um ecossistema tecnológico pouco diverso e representativo, o país se mantém refém de tecnologias enviesadas e de soluções menos criativas (Lacerda, 2022)

Mesmo com as dificuldades e obstáculos, as mulheres estão se inserindo cada vez mais no mundo da tecnologia e estão derrubando inúmeros obstáculos, conquistando espaços e respondendo à altura, demonstrando que são extremamente qualificadas como analistas, especialistas, programadoras, desenvolvedoras e quaisquer outras profissões na área. Zafra (*apud* Crosta, 2022 p.29) chama este movimento de ciberfeminismo e explica que o ato reivindica a atuação das mulheres como consumidoras e usuárias de tecnologia, mas além disso, defende sua participação ativa nos processos de produção e distribuição de hardwares e softwares. O movimento também inclui o envolvimento destas mulheres nas políticas sociais e educacionais relacionadas à tecnologia.

Segundo a autora, a internet é um ambiente que possibilita a produção de subjetividades e mesmo que seja visto como um espaço democrático, reproduz as mesmas diferenças sociais patriarcais que acontecem fora da internet. Por este motivo, Zafra (*apud* Crosta, 2022 p.29) reitera a importância de promover novas alianças entre as mulheres e a tecnologia, para que possam ocupar a internet também como produtoras, programadoras e influenciadoras digitais, enfrentando e resistindo às estruturas que marginalizam as mulheres.

Esse movimento tem recebido o incentivo de organizações, grupos e instituições coletivas que funcionam como grandes redes de apoio e networking, fazendo com que mais mulheres negras rompam as barreiras do preconceito racial e de gênero no território da tecnologia. Além disso, existem as parcerias com organizações através da oferta de bolsas de estudo e vagas de emprego para meninas e mulheres negras que desejam desenvolver uma carreira, como a iniciativa Vai na Web, a Escola da Ponte Para Pretxs e a UX para Minas Pretas por exemplo, que compõem essa rede de apoio, oportunidades e ao mesmo tempo de empoderamento (Araújo, 2018).

4.2.2 UX para minas pretas: projetos, formações e eventos

A UXMP foi criada por mulheres que já trabalhavam e tinham acesso às grandes empresas de tecnologia, voltada para as mulheres que não possuíam informações e acesso a esse mercado de trabalho (Paixão, 2021). A Edtech possuía mais de 15 funcionárias, segundo o perfil oficial da Startup no LinkedIn. Além de Karen Santos, mulheres como Germana Rosa, Gisele Santos Rocha, Samille Sousa, Jennifer Manzoli, Danielle Alda, entre outras, se dividiam em mais de 11 frentes de ação para fazer a iniciativa funcionar.

As participantes deste projeto atuavam como pontes entre mulheres e oportunidades de trabalho. Seja em publicações no blog da UXMP no Medium ou em palestras e workshops, as funcionárias compartilhavam seus conhecimentos, vivências e as novidades da área com o público, com convidados e empresas parceiras.

Para compreender quem foram essas mulheres, podemos observar no Quadro 1 alguns perfis de participantes do UXMP, com informações de seus currículos como: onde se formaram, projetos realizados e com quem já trabalharam.

Quadro 1 - Perfis das participantes do UXMP

Nome	Cargo UXMP	Formação	Experiência	Projetos Realizados
Karen Santos	CEO & Co-Fundadora	UNIP: Design Gráfico (2013-2015); Senac: Redação Publicitária, Publicidade; Mergo UX: UX (2018-2019).	Membra - Fórum Construtivo Nubank; Membra - Rede de Líderes Fundação Lemann; Mentora - Mergo User Experience; Mentora - Aela; Product Designer - QuintoAndar; Product Designer - PicPay; Diretora de Arte - Canal Preto; Diversity Inclusion Officer - Mergo User Experience; Graphic Design Artist - Animarte Estratégias Surpreendentes; Monitora de Processos - UOL.	UX para Minas Pretas; Negras Plurais; Todas Podem Mixar;
Germana Rosa	COO & Co-Founder	Digital House Brasil: Gestão de Produtos Digitais (2021 - 2022); Fast MBA: Empreendedorismo, Negócios e Startups (2020); Mergo User Experience: Formação em UX Intensiva (2020); Centro Universitário FMU FIAM-FAAM: Secretariado Executivo Trilíngue (2011 - 2013); ETEC - Escola Técnica Estadual de São Paulo: Curso Técnico em	UXMP: Chief Operating Officer, Gerente de operações, Coordenadora de parcerias; Accenture Brasil: Hostess Bilíngue; ANSP: Assistente de Gestão; BASF: Assistente Executiva.	Parcerias UXMP: Responsável por parcerias na UXMP, ficando à frente de captar novas parcerias, relacionamento e gestão de novas oportunidades.

		Administração (2010 - 2011).		
Danielle Alda	Analista de Marketing	Colégio Estadual de Magé: Ensino Médio Completo, Administração e Negócios.	UXMP: Analista de Marketing; Porvir: Analista de Comunidade e Mídias Sociais; Connectors Hub: Social Media Specialist; IMMakers ADS: Gestora de Social Media; Santa Natú: Gestora de Equipe e Social Media.	-
Samille Sousa	Professora, Mentora e Facilitadora	Amortser: Death Doula Midwife, Health & Psychology (jul de 2021 - dez de 2021); Faber-Ludens Institute for Interaction Design: Post Graduation, Interaction Design (2009 – 2010); Faculdade de Tecnologia e Ciências: Graduate, Social Communication with specialization in Hypermedia (2004 – 2008).	Samille Sousa: Consultora I Design Advisor I Professora I Mentora I Artista I Palestrante – Independente; Escola PM3: Professora; DIVER.SSA: Conselheira; UX para Minas Pretas: Professora; Terra de Si Mesma: Fundadora; Rebagro: Design Manager I Gerente de Design; N26: Head of Design I Liderança da Área de Design / UX Research Lead I Liderança de Pesquisa; Nubank: Senior UX Researcher Partner I Pesquisadora Sênior; Box 1824: Sênior UX Researcher Partner I Pesquisadora Sênior; Self-Employed: Pesquisadora e Consultora Sênior, Facilitadora e Mentora; Inter-Cultura: Pesquisadora Sênior de UX Design; Itaú Unibanco: Designer de Inovação Sênior; Autônomo: UX Design Researcher; Gauge: UX Design Researcher; Agencia CASA: UX Researcher; Beans - Network of freelancers, companies and collectives: Webwriter; Foco Multimídia: Webwriter; SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial: Scriptwriter; Faculdade de Tecnologia e Ciências: Webwriter;	Miami Ad School: Professora - UX Strategy / Planning and Strategy; Tera: Professora - UX Intensive; Women Leadership: Curadora de conhecimento e Professora de Autoconhecimento I Soft Skills; RME - Rede Mulher Empreendedora: Professora e Palestrante - Workshops, Programa Ela Pode e Eventos; DIVER.SSA: Curadora de Conhecimento, Professora e Facilitadora; Escola de Design Thinking: Facilitadora e Professora; INSPER: Professora no curso de

				Business Design; Cubezilla: Cubezilla Concept is a project from Faber Ludens where the Rubik cube is used as a metaphor for a navigation tool.
Gisele Santos Rocha	Designer instrucional	Universidade São Francisco: Licenciatura em Pedagogia, Educação (fev de 2018 - dez de 2022); Universidade Anhembí Morumbi: Pós-graduação em Educação Bilíngue, Educação (fev de 2021 - jul de 2022); Universidade do Porto: Licenciatura em Ciências Da Educação, Educação (fev de 2019 - ago de 2019); Centro Universitário Salesiano de São Paulo: Bacharel em Administração De Empresas, Administração (fev de 2007 - dez de 2010).	UX para Minas Pretas: Designer instrucional; Realvi: Designer Instrucional; Prefeitura Municipal de Bragança Paulista: Revisão e atualização do Plano Diretor - Temática Educação; CNA Idiomas: Instrutora de idiomas; Achieve Languages by Oxford: Instrutora de idiomas; Grupo Arcor: Desenvolvimento de Capital Humano; CIEE - Centro de Integração Empresa Escola: Assistente de Recursos Humanos.	-
Jennifer Manzoli	Professora	Centro Universitário FAM: Graduação, Design gráfico e digital (jul de 2022 – jul de 2024); Mergo	Grupo Boticário: Product Designer; UX para Minas Pretas: Professora; Cognizant: Product Designer Lead / Product Designer; PeerBR: Product Designer Lead / Product Designer; Grupo	-

		User Experience: DEXCONF22 e 23, Design centrado em pessoas reais (set de 2022); UX Unicórnio: UI/UX Design, Interface e Experiência do usuário (mai de 2021 – ago de 2021); Origamid: UX/UI Design, Interface e Experiência do usuário (2021 – 2021).	GCB: UX / UI Designer; Designer: Visual Design; Freelance: Designer gráfico; ZANC Assessoria Nacional de Cobrança: Assistente administrativo.	
Bianca Barbosa	Equipe	Mergo User Experience: Associate's degree, Ux; Universidade Cruzeiro do Sul: Bacharelado, Psicologia.	UXMP: Assistente; Contabilizei: Assistente Administrativa.	-

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

O Quadro 1 evidencia a experiência de mercado das participantes do UX para Minas Pretas, cujas áreas de atuação são diversas, bem como suas formações, principalmente na área de ciências humanas e sociais (publicidade, design, psicologia, pedagogia e administração). Em termos de experiência no mercado de trabalho, temos pessoas que atuam na área de TI com empresas da área financeira (bancos), cosméticos, escolas de inglês, agências de comunicação, entre outros. E são estas que se unem a outras mulheres para ministrar formações, como mentorias e workshops.

Esta é uma atuação importante, pois permite capacitar pessoas para nichos mais específicos do mercado de tecnologia. São pessoas com interesses em comum que participam da iniciativa UX para Minas Pretas, movimentando a economia do saber e das formações voltadas para o mundo corporativo. Como resultado, esperam que cada vez mais mulheres negras possam ter independência financeira (Rosário, 2022), lutando contra o racismo estrutural tão arraigado à cultura nacional.

Conforme mencionado, a Edtech também participou de diversos tipos de eventos, que intercalam os conhecimentos de UX com Design, Marketing e Tecnologia em geral e trazem diversas oportunidades, como as VisiTech (um dia de visitas em empresas), com o objetivo estreitar os laços entre as mulheres da comunidade UXMP e os times de tecnologia interessados em ampliar a diversidade dos quadros.

A UXMP contou com mais de 60 parceiros educacionais, startups, grandes corporações e empresas nativas digitais em seus projetos, que atuam em mais de 20 estados brasileiros e no exterior, entre eles a XP Inc. (UXMP, 2023; Mari, 2022). Com o intuito de entender quem são as empresas participantes e as formadoras que trazem esses conhecimentos

para as mulheres negras, criamos o Quadro 2 com alguns eventos/projetos realizados pela ou em parceria com UX Minas Pretas:

Quadro 2 - Perfis das participantes do UXMP

Projetos Workshop	Data	Parceiros	Objetivo
Ideathon PretaOn	25/10	Presente e Futuro em Movimento; Fundo Baobá; Somos Mover; UXMP.	Um dia inteiro onde ex-alunas do PretaOn, se reúnem para encarar desafios reais de empresas parceiras. Usando todo o conhecimento aprendido no PretaOn, elas terão a oportunidade de criar soluções inovadoras, fortalecer portfólio e se conectar com profissionais do mercado.
Workshop: VisiTech na Globo	05/09	Globo SP; UXMP.	Um dia de visita a empresas, focado no compartilhamento, despertar de interesse e reflexão entre mulheres da comunidade UXMP e equipes de tecnologia, como a da Globo, promovendo um olhar atento ao mercado de trabalho, inovação, conhecimento e networking na área de tecnologia. Foram 30 vagas destinadas a alunas do PretaOn e membras da comunidade.
Workshop: VisiTech na Amazon/ Amazon Web Services (AWS)	14/03	Virgginia Laborão, Vanessa Gomes, Hellen Ávila Rosa, Clara Bidorini, Joyce Freitas, Leda Januário e Daniel Mazini da equipe da Amazon; Tamires Silvestre, Marisa Santana e Tassya de Paula do time do INU (Instituto Nu); e time UXMP, Karen Santos, Germanna Rosa, Lais Ameirelles, Juliana Machado e Bianca Barbosa.	Iniciativa da #UXMP que tem como objetivo ampliar o conhecimento da comunidade UX para Minas Pretas em um dia dedicado ao compartilhamento, despertar de interesse e reflexão entre mulheres e empresas, visando ampliar as oportunidades de mercado de trabalho.

Programa: PretaOn	07/2022	Projeto UXMP, XP Inc.	Sob o programa PretaOn, exclusivo para mulheres autodeclaradas negras (pretas e pardas) e indígenas da comunidade UX para Minas Pretas, mulheres negras e indígenas foram capacitadas e contratadas para cargos de entrada na área de UX da XP, com início a partir de maio de 2022. Selecionadas entre 200 candidaturas, as cinco participantes do programa foram contempladas com uma bolsa de estudos 100% custeada pela XP para o curso de formação em Experiência do Usuário (UX Design), da Mergo User Experience.
Evento: CASE 2022 - Female Founders	17 e 18/11/2022	CASE 2022	O maior evento de startups e empreendedorismo da América Latina. Ao lado de outras 9 startups fundadas por mulheres, em um stand chamado estrategicamente de Female Founders, um espaço com foco em protagonismo e liderança feminina, foram realizadas atividades de mentoria, networking etc.
Treinamento: o uso de Design Thinking no desenvolvimento de projetos	22/09/2022	McKinsey & Company	Neste encontro as mulheres aprenderam sobre o uso de Design Thinking no desenvolvimento de projetos, conversaram com consultoras e outras participantes sobre suas experiências, aplicações e desenvolvimento de trabalhos com Design Thinking.
Julho das Pretas: Lideranças Negras em Tecnologia & Inovação	30/07/2022	Nubank (Instituto Nu) e AfrOya Tech Hub	Trazer inspiração e ajudar a refletir sobre ascensão, visibilidade e protagonismo de mulheres negras em posições de liderança no ecossistema de tecnologia brasileiro.
Evento: Expo Favela	15, 16 e 17/04/2022	Emicida, João Pedrosa e Fabiola Marchiori.	Workshop no painel de educação e tecnologia - coletivizando o futuro do trabalho.

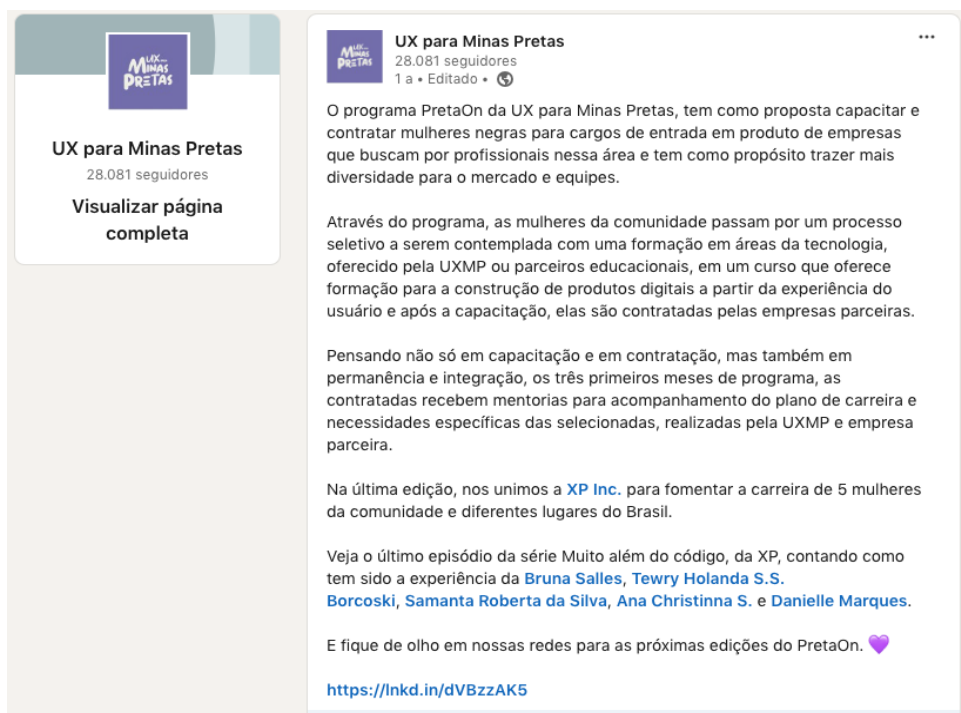
Evento: UXMParty de 3 anos	03/2022	Apoio: Mergo User Experience, Ana Couto e Spline. Convidadas: Danielle Falcão falando sobre o "Olhar da inclusão para a experiência de produtos e serviços" e Cecí Romera falando sobre o "Dia a dia de profissionais de tecnologia nas organizações".	Tema: "Diversidade como cultura, não como meta", com o objetivo de aproximar profissionais da área de tecnologia, empresas e a maior comunidade de #UX negra e feminina do Brasil.
Conquista: Recebendo investimento do Black Founders Fund	03/2022	Google for Startups	Iniciativa do Google for Startups que investe em startups fundadas e lideradas por empreendedores negros e negras no Brasil.
Conquista: parceria com a Pipefy Brasil	03/2022	Pipefy Brasil	Pipefy é a Plataforma de Gerenciamento de Processos que capacita gestores a organizar e controlar seu trabalho em um único lugar.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Segundo Karen Santos, a inserção das mulheres pretas nas grandes empresas de tecnologia gera um impacto positivo do ponto de vista da criação de novos produtos e serviços que serão mais empáticos, pois olharão para um público diverso e pensarão projetos com mais acessibilidade (Rosário, 2022).

O caso do programa PretaOn merece destaque, pois foi a primeira parceria entre a UXMP e uma grande empresa, a XP Inc. De acordo com o texto da postagem realizada pela UXMP na rede social LinkedIn, este programa “tem como proposta capacitar e contratar mulheres negras para cargos de entrada em produtos de empresas que buscam por profissionais nesta área e tem como propósito trazer mais diversidade para o mercado e equipes”, ver Figura 1. O canal no YouTube da XP Inc. lançou também um conjunto de vídeos institucionais em apoio ao projeto, mesclando depoimentos de antigos profissionais e mulheres que estão iniciando suas carreiras na empresa. Não deixa de ser uma ação social de inclusão, conhecida no ramo organizacional e bem-vista do ponto de vista do marketing empresarial.

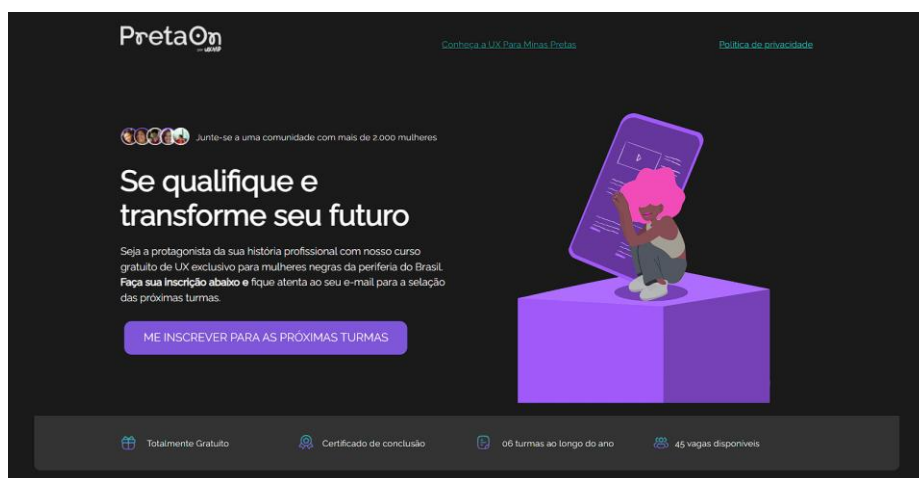
Figura 1 - Post UX Para Minas Pretas no LinkedIn



Fonte: LinkedIn UX para Minas Pretas (2024)

O projeto continuou em andamento e durante o ano de 2024, contemplou seis turmas com mais de 30 mulheres negras cada. Com o apoio do programa Presente e Futuro em Movimento e parcerias do Fundo Baobá e Somos Mover, a UXMP criou o curso em uma plataforma exclusiva, com o objetivo de capacitar gratuitamente mulheres negras no domínio do UX Design, preparando-as para o cenário digital atual. No início do ano, as inscrições eram abertas apenas para mulheres negras localizadas em regiões periféricas de São Paulo, entretanto nas turmas posteriores, foram liberadas para mulheres de todo o Brasil (Figura 2).

Figura 2 - Site de inscrição para o PretaOn



Fonte: Site UX Para Minas Pretas (UXMP), 2024

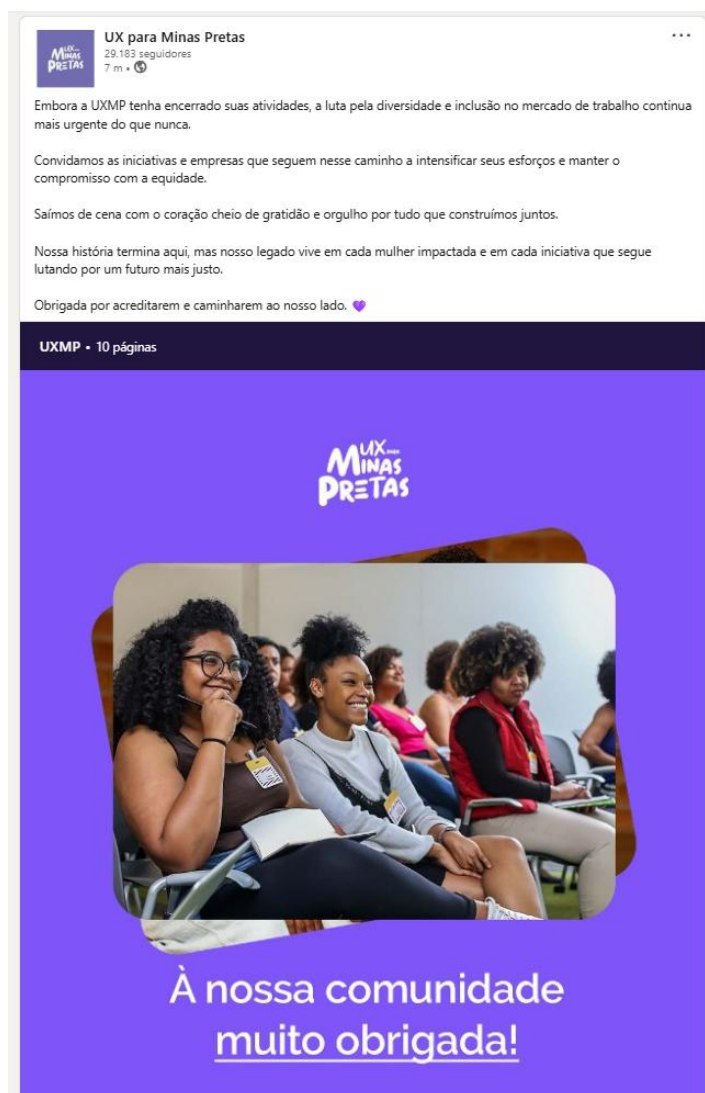
O curso contou com aulas gravadas autoinstrucionais (para que possam acompanhar de acordo com o seu tempo e rotina), aulas ao vivo, onde as alunas colocaram os conhecimentos e habilidades conquistadas durante todo o curso em prática e certificação. Além da capacitação em Experiência do Usuário, o curso trazia para as alunas selecionadas aprendizados sobre tendências do mundo digital, *soft skills*, criação de currículo / portfólio, preparação para entrevistas e empoderamento feminino, com o objetivo de formar profissionais que não só preenchem lacunas no mercado, mas que desenvolvam a habilidade de promover a diversidade e a inclusão (UXMP, 2024). O curso contou, em grande parte, com integrantes da UXMP atuando como professoras, mentoras, facilitadoras e formadoras dessas mulheres, auxiliando as alunas a entenderem sobre o que esperar ao migrarem ou começarem uma nova carreira no ramo de UX/UI.

Com o intuito de demonstrar o impacto e resultados gerados pela iniciativa PretaOn, buscamos o depoimento de uma das ex-alunas da penúltima turma do projeto, relatando como foi a experiência dentro do curso e da comunidade UXMP.

O PretaOn me ajudou a ter certeza da profissão que quero seguir carreira, UX/UI Designer. Consegui me aprofundar no tema, ter mais confiança de como me portar diante dos desafios que enfrentarei no setor de tecnologia e enxerguei o quanto que nós como uma sociedade tão diversa, temos a melhorar e evoluir, principalmente quando se trata de assuntos voltados às mulheres negras, que com todos os aprendizados, relatos e pesquisas realizadas no curso, enxergamos que ainda hoje passam por diversos desafios. Mas muito além das complicações, o curso me fez comprovar que juntas, com iniciativas como essa, com certeza podemos e iremos melhorar o nosso futuro e que podemos sim conquistar os espaços que quisermos. O PretaOn foi mais que uma oportunidade de capacitação, foi acolhimento, incentivo, empoderamento e a certeza de estar trilhando o caminho certo. (Mulher negra, estudante de UX/UI e formada em Design de Mídias Digitais, 26 anos).

Para surpresa das ex-alunas, em 15 de janeiro de 2024, a UX Para Minas Pretas anunciou, por meio de suas redes oficiais, o encerramento de suas atividades em razão da falta de apoio institucional e de investimentos destinados à iniciativa (Figura 3). A decisão refletiu as contradições de um mercado que, embora reconheça publicamente os benefícios da diversidade e da inclusão para a lucratividade das organizações, continua a invisibilizar e a não efetivar a participação plena desses grupos. De acordo com a Edtech, reportagens apontaram diversos retrocessos nas políticas de diversidade em grandes corporações, como Microsoft, Meta, Amazon e McDonald's.

Figura 3 - Post de encerramento da iniciativa UX Para Minas Pretas no LinkedIn



Fonte: LinkedIn UX para Minas Pretas (2025)

Embora tenha sido uma iniciativa com grande potencial e impactos positivos, capaz de transformar a vida de inúmeras mulheres ao longo de seus seis anos de existência e de deixar um legado de histórias e conquistas, o encerramento da UXMP evidencia um alerta: sem o comprometimento real e o apoio contínuo do setor de tecnologia, projetos relevantes e com potencial de alterar trajetórias seguirão sendo interrompidos prematuramente, antes de alcançar o grande público e de promover mudanças estruturais duradouras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UXMP trabalhou com o objetivo de ampliar a representação de mulheres negras na área de tecnologia. Tratou-se de uma iniciativa importante e necessária para promover a diversidade e a inclusão nesse campo, incorporando a perspectiva da Experiência do Usuário (UX). Neste trabalho, tivemos como foco analisar a proposta da UX Para Minas Pretas em sua

dimensão formativa e compreender como suas ações contribuíram para o crescimento profissional das mulheres negras. A relevância desta análise se justificou pelo contexto histórico e cultural que sempre apontou a ausência de mulheres negras no mercado de trabalho em tecnologia.

O texto contemplou uma reflexão acerca dos avanços das lutas feministas no Brasil, marcadas por pautas interseccionais, nas quais os preconceitos se intensificam quando múltiplas camadas de opressão se sobrepõem. Mulheres negras, em situação de vulnerabilidade econômica, enfrentaram condições muito mais desafiadoras do que mulheres brancas em contextos de maior privilégio. Por outro lado, observou-se um universo empresarial ainda dominado majoritariamente por homens brancos, sobretudo nos cargos de liderança, o que reforçou barreiras estruturais à diversidade.

Nesse cenário, refletimos sobre possíveis caminhos que unissem a luta feminista e o mundo corporativo. Embora desafiador, esse movimento se mostrou fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva. A Edtech UX Para Minas Pretas representou justamente esse esforço: ao mesmo tempo em que se constituiu como uma startup inserida no modelo capitalista de produção, incorporou em sua proposta a missão de incluir mulheres negras em um mercado altamente concorrido e excludente. Essa estratégia revelou-se relevante tanto para as mulheres que buscavam formação e oportunidades, quanto para a própria Edtech, que chegou a estabelecer parcerias de impacto e a conquistar espaço no setor antes de seu encerramento.

Além disso, a trajetória da UXMP contribuiu para ampliar o debate sobre a necessidade de políticas corporativas claras e eficazes de diversidade e inclusão, capazes de promover a igualdade de gênero e raça em todos os níveis das organizações. Tais políticas poderiam incluir metas de contratação de mulheres negras, programas específicos de desenvolvimento de liderança e a criação de ambientes de trabalho mais seguros e respeitosos.

Olhando para os dados e propostas da UXMP, podemos estabelecer alguns pontos importantes de atuação da Edtech, em termos de soluções para desigualdade nas empresas, tanto em termos de gênero, como de raça: (a) Programas de Mentoria e Capacitação: Estabelecimento de programas de mentoria que conectam mulheres negras interessadas em tecnologia com profissionais experientes da área. Isso pode ajudar a proporcionar orientação, apoio e oportunidades de aprendizado; (b) Parcerias com Instituições Educacionais: Colaboração com escolas, universidades e programas de treinamento vocacional para alcançar mulheres negras em idade escolar e fornecer-lhes acesso a oportunidades de aprendizado em tecnologia; (c) Eventos e Workshops Inclusivos: Organização, eventos e workshops voltados especificamente para mulheres negras interessadas em tecnologia. Isso pode incluir sessões de networking, palestras inspiradoras e oficinas práticas; (d) Advocacia por Políticas de Diversidade: Defesa de políticas de diversidade em empresas e instituições de tecnologia para garantir que haja oportunidades equitativas de emprego e avanço para mulheres negras; (e) Conscientização e Educação: Promoção de conscientização sobre a importância da diversidade e inclusão na tecnologia, bem como sobre os desafios enfrentados pelas mulheres negras neste campo; (f) Criação de Comunidades de Suporte: Estabelecimento de comunidades online e offline onde as mulheres negras na tecnologia possam se conectar, compartilhar recursos, trocar experiências e oferecer apoio mútuo; (g) Acesso a Recursos e Oportunidades de Carreira: Garantia que as mulheres negras tenham acesso a recursos, oportunidades de treinamento e emprego na área de tecnologia, ajudando-as a desenvolver suas habilidades e avançar em suas carreiras; (h) Apoio Empresarial e Inovação: Incorporar o empreendedorismo e a inovação, incentivando mulheres negras a fundarem suas próprias

empresas de tecnologia e desenvolverem soluções que atendam às necessidades de suas comunidades.

Em síntese, a experiência da UX Para Minas Pretas deixou como legado não apenas histórias de transformação individual, mas também um chamado coletivo à responsabilidade do setor de tecnologia e das empresas em geral: sem compromissos efetivos e sustentados, iniciativas como a UXMP continuarão a ser interrompidas, e as mudanças estruturais necessárias permanecerão inacabadas.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam Aparecida.; SARTORI, Viviane. Edtechs: startups que estão transformando a educação brasileira. **Anais do V Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação** (EIGEDIN), 2021, v.5.n.1.

ANDRADE, Robson Santos de. Licenciatura em matemática: Como as novas edtechs estão se mobilizando para a melhoria do ensino. **Projeção e Docência**, 2019, v.10, n.2, p.45-56.

ARAÚJO, Carla. **Mulheres Negras na Tecnologia: O presente e o futuro pertencem a elas!** 2018. Disponível em: <https://simaigualdaderacial.com.br/site/mulheres-negras-na-tecnologia-o-presente-e-o-futuro-pertencem-a-elas/>. Acesso em: 10 maio 2023.

BIT&BYTE. **Mercado de tecnologia: conheça as tendências e carreiras em ascensão.** 2020. Blog Unyleya. Disponível em: <https://blog.unyleya.edu.br/bitbyte/mercado-de-tecnologia/>. Acesso em: 07 maio 2023.

CROSTA, Isabela Bergo. Coletivos Feministas no Instagram: análise do Feminicida (Argentina) e do Portal Catarinas (Brasil). 2022. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/D.27.2022.tde-22112022-164828.

ÉBOLI, Marisa. Educação corporativa. **Revista T&D—Inteligência Corporativa**, 2004, v. 137, n.12, p. 48

HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LACERDA, Nara. **Mulheres pretas ocupam 11% das vagas no setor de tecnologia, mostra relatório.** 2022. Brasil de Fato, São Paulo (SP). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/16/mulheres-pretas-ocupam-11-das-vagas-no-setor-de-tecnologia-mostra-relatorio>. Acesso em: 10 maio 2023.

MARI, Angélica. **UXMP fecha com XP para inserir mulheres negras em tecnologia.** 2022. Disponível em: <https://startups.com.br/noticias/uxmp-fecha-com-xp-para-inserir-mulheres-negras-em-tecnologia/> Acesso em: 30 abril 2024.

NETO, Octavio Ribeiro de Mendonça; VIEIRA, Almir Martins; ANTUNES, Maria Thereza Pompa. Industrialização da educação, edtech e prática docente. **Eccos Revista Científica**, 2018, v.47, p. 149-170.

PAIXÃO, Elizabeth Fernanda Lima. UX PARA MINAS PRETAS: Uma plataforma digital informativa e educacional para a melhoria da experiência das integrantes da iniciativa. 2021. 81 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Tecnologia em Design Gráfico) - Instituto Federal

de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cabedelo - PB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1618>. Acesso em: 11 mar. 2023.

PRETAS, UX Para Minas. 2023. **Site Oficial**. Disponível em: <https://www.uxparaminaspretas.com.br/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ROSÁRIO, Fernanda. **UX para Minas Pretas**: iniciativa promove diversidade no mercado de tecnologia. 2022. <https://www.terra.com.br/nos/ux-para-minas-pretas-iniciativa-promove-diversidade-no-mercado-de-tecnologia,5dd59690236bc0687a7e67d4cbd84b9c40eigvkr.html>. Acesso em: 10 maio 2023.

UXMP. ABOUT UXMP. 2023. **Perfil Medium**. Disponível em: <https://medium.com/uxm>

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2015.